

## Centro Ruth Cardoso

### Ciclo Juventudes

#### Comitê Juventudes e Construção de Identidade

#### Mercado de trabalho e as visões dos jovens sobre o trabalho

*A partir de um processo de redesenho de seus propósitos e linhas de ação, o Centro Ruth Cardoso (CRC), abarcado pela Fundação Fernando Henrique Cardoso, passa a investir na consolidação de seu papel como um polo de geração e disseminação de conhecimento. Para tal, o CRC reuniu pessoas atuantes na academia, em movimentos sociais e nas diferentes linguagens artísticas para pensar temas contemporâneos, produzindo materiais que sistematizam e compartilhem as análises e reflexões geradas nesses encontros. A temática a ser explorada no primeiro ciclo é **Juventudes**, dividida em três vertentes: atuação política, construção de identidade e sociabilidades.*

*Este documento registra e organiza o conteúdo principal do debate **Mercado de trabalho e as visões dos jovens sobre o trabalho**, realizado em 28 de julho de 2021, no âmbito do **Comitê Juventudes e Construção de Identidade**.*

#### CONVIDADOS

- **FAUSTO AUGUSTO JR.:** é diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). Na mesma instituição, foi coordenador de Educação, responsável pela Escola de Ciências do Trabalho, assessor a sindicatos e categorias profissionais em mesas de negociação e em temas de política industrial, inovação, tecnologia e desenvolvimento local;
- **LORENA FROZ:** é idealizadora do Faveleira, plataforma de educação ambiental periférica no Instagram. Também atua como articuladora e mobilizadora territorial da Redes da Maré, no Complexo da Maré (RJ), além de estagiar na área de Sustentabilidade da empresa Petfive Brands;
- **MARIANA RESEGUE:** é secretária executiva do Em Movimento e coordenadora da pesquisa Atlas das Juventudes. Atuou como coordenadora de projetos e de comunicação na Juntos.com.vc, coordenadora de investimento social e de comunicação no Movimento Arredondar, além de consultora e facilitadora de projetos;
- **MILTON ALVES SANTOS** (mediação): é pedagogo, com mais de 20 anos de atuação nas temáticas das juventudes, das infâncias e suas conexões com políticas públicas em educação, assistência social e trabalho. Em parceria com órgãos e equipamentos públicos, trabalhou na criação, implantação e avaliação de projetos sociais. É membro da Rede de Parceiros do CRC.

## QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- Quais habilidades serão necessárias no mercado de trabalho do futuro?
- Formações curtas e específicas são uma solução?
- Como formar os jovens para profissões que, diante da revolução tecnológica, ainda não existem ou deixarão de existir?
- Que mercado de trabalho estará à espera das juventudes (precarização, uberização, pejetização, novas configurações de trabalho etc.)?
- Ao conceber visões de futuro, quais aspectos são priorizados pelas juventudes de hoje? Qual espaço o mundo do trabalho ocupa nesses projetos de vida?
- De que forma as demandas dos jovens em relação ao trabalho têm impactado o mercado?
- Em que medida o empreendedorismo é uma boa saída para a inserção das juventudes no mundo do trabalho? O que deve ser considerado nessa equação?
- Quando falamos de futuro, estamos nos referindo a um ciclo de quantos anos? Quanto tempo vale esse futuro?
- Quais são os impactos da reforma do Ensino Médio na relação dos jovens com o mercado de trabalho?
- Em que medida a reforma do Ensino Médio é permeável ao diálogo com as juventudes, tanto as que estão na escola quanto as que passaram por ela?
- Quais serão as profissões do futuro?
- Quais serão os atores de proteção aos trabalhadores no mercado de trabalho do futuro? A conjuntura caminha para a formação de redes de apoio, mecanismos de auto-organização ou uma articulação em torno de instituições como sindicatos?

## DEBATE

### JUVENTUDES E MERCADO DE TRABALHO: O QUE DIZEM OS DADOS

- Um mercado de trabalho historicamente heterogêneo:
  - Cerca de 40 milhões de trabalhadores brasileiros estão inseridos no mercado formal (celetistas, servidores públicos etc.), enquanto aproximadamente a outra metade do mercado é formada por pessoas que trabalham por conta própria no chamado “trabalho informal”;

- O próprio trabalho informal assume formas múltiplas: há opções com boa remuneração, mas grande maioria oferece condições precárias, com jornadas extensas e baixa remuneração;
- Disparidade no acesso a direitos: tipo de vínculo trabalhista acaba por segregar quem será ou não beneficiado por políticas públicas de proteção que deveriam ser universais. Exemplo: licença-maternidade não se estende à mulher que vende café da manhã na porta da estação de trem porque ela não está inserida no mercado formal;
- Novas tecnologias impactam tanto o trabalho formal quanto o informal. Exemplo: entregadores de pizza sempre existiram, mas a categoria está sendo transformada pela emergência dos aplicativos.

*"Será que é razoável a gente pensar uma pessoa que trabalha de motorista de Uber durante 16 horas por dia para ter uma renda de cerca de R\$ 2 mil? Para vocês terem uma ideia, 16 horas era a jornada nas fábricas da Inglaterra no século XIX, antes de mais de um século de lutas por jornadas menores e melhores condições de trabalho."* – FAUSTO AUGUSTO JR.

- A maior geração jovem na história: Brasil tem hoje 50 milhões de jovens;
  - Em 2060, 1 em cada 4 pessoas terá 60 anos ou mais, o que atinge diretamente a questão previdenciária: dependendo do modelo tributário a ser adotado, de um lado, e do avanço de processos como a uberização, de outro, é possível que não haja arrecadação suficiente;
  - Desigualdade social na faixa etária entre 15 e 29 anos é ainda maior do que na sociedade em geral: importância de pensar "juventudes", no plural, para dar conta das diferentes realidades experimentadas pelos jovens no país.
- Crescimento significativo do desemprego juvenil;
  - Durante a pandemia de COVID-19, 1 em cada 4 jovens estava procurando emprego, sem sucesso;
  - Ciclo de fragilidades: combinação entre desemprego juvenil e aumento da pobreza nas famílias significa que o jovem não terá amparo em um momento difícil;
  - "Sem espaço para errar": quando o empreendedorismo do jovem é a única fonte de renda da família, não é dada a ele a oportunidade de aprender com os erros (falir, reerguer-se, tentar algo novo), pois errar implica não ter comida no prato;
  - "Ah, que bonito, ela ficou desempregada e agora vende bolo de pote": disseminação de discursos que exaltam um "empreendedorismo de sobrevivência" em desconsideração à profunda vulnerabilidade em que essas pessoas se encontram.

*"Há muita confusão em entender o que de fato é empreender e o que é dar um jeito na vida, fazer um bico, construir alguma relação de trabalho que gere renda. Empreender é*

*algo árduo. Demanda financiamento, investimento, conhecimento, preparação. E empreender demanda perfil. Nem todo mundo tem perfil de empreendedor, que começa, quebra, começa de novo, quebra de novo. Quando a gente pensa em trabalho, a questão do empreendedorismo é um pedacinho disso. É importante, é fundamental, mas não dá conta das nossas necessidades.” – FAUSTO AUGUSTO JR.*

*“Garantir um trabalho digno não é um benefício da sociedade para o jovem, e sim um direito. Já está previsto no Estatuto da Juventude. Mas por conta das crises que temos vivido no Brasil – sanitária, econômica, política, institucional – tivemos um esvaziamento dessa agenda e da discussão em torno do Estatuto, que pouca gente sabe que existe.” – MARIANA RESEGUE*

- Déficit educacional: qual a qualidade da formação dos jovens, que responderão pela força de trabalho do futuro?
  - Em 2021, menor número de inscritos no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) nos últimos anos;
  - Agravamento da evasão escolar no contexto de ensino remoto imposto pela pandemia;
  - Para uma parcela significativa das juventudes, falta infraestrutura adequada para os estudos (computadores, celulares, conexão estável à Internet, cômodos silenciosos);
  - “Revolução na educação”: demanda dos jovens por um novo modelo de ensino no qual se reconheçam;
  - Falta de qualificação significa que, mesmo quando há demanda por mão de obra no mercado, ela não consegue ser suprida;
  - Queda no retorno financeiro da educação: avançar no nível educacional já não garante um aumento automático da renda.

*“Fizemos uma pesquisa chamada Juventudes e a pandemia do coronavírus, para a qual ouvimos 33 mil jovens, em 2020, e 68 mil jovens, em 2021. No ano passado, cerca de 28% dos entrevistados disseram ter pensado em parar de estudar por conta da pandemia; neste ano, o dado é 40%. Ou seja, temos uma tendência muito preocupante de aumento da evasão escolar.” – MARIANA RESEGUE*

*“Durante a pandemia, trabalhei em um preparatório social da Redes da Maré, e muitos alunos me falavam que estavam estudando ali porque gostavam dos professores, a gente tinha desenvolvido uma boa relação. Mas a escola eles não conseguiam acompanhar porque tinham só algumas apostilas, e isso não supria as necessidades deles. E a gente fala que esses alunos são a nata daqui da favela, porque é o pessoal que acessa a educação, que os pais procuram saber. É uma galera que tem um mínimo de apoio. E mesmo assim eles não estavam entendendo nada, não estavam conseguindo ter um apoio*

*escolar. Esse é o problema que mais fica na minha cabeça ao pensar sobre qual será o trabalho do futuro.” – LORENA FROZ*

*“Fiz recentemente várias pesquisas em favelas de São Paulo, e uma situação que aparece muito são jovens que estão formados, que chegaram à universidade, mas que têm um subemprego. E a insatisfação com a vida é brutal, porque a sensação deles é de que caíram em uma cilada. ‘Disseram que se eu entrasse na universidade, se eu progredisse na educação, eu teria um bom emprego, e isso não está acontecendo.’ Essa insatisfação latente é algo que urge a sociedade entender e solucionar.” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO*

- “Se os padrões atuais forem mantidos, não haverá trabalho para todo mundo”: dados mostram a urgência de se discutir o mercado de trabalho e as perspectivas de futuro, sobretudo para os trabalhadores jovens;
  - A importância de um bom início: um ingresso precário no mercado de trabalho marca de maneira definitiva a vida dos trabalhadores, criando um ciclo difícil de ser rompido;
  - Trajetórias bem-sucedidas de jovens que partiram de contextos vulneráveis não podem ser exceção nem devem ser romantizadas como “casos de superação”: é preciso criar trilhas de desenvolvimento sólidas para as juventudes;
  - Reforma do Ensino Médio como uma oportunidade de atualizar o modelo de educação para o século XXI e pensar trilhas formativas para os diferentes contextos das juventudes brasileiras – mas é preciso fazê-lo em um diálogo aberto com toda a sociedade, em especial com os jovens;
  - Necessidade de ampliar o debate sobre mundo do trabalho ao longo de toda a trajetória escolar – não no sentido de treinar mão de obra para questões operacionais em um modelo massacrante, mas sim pensar o trabalho que dignifica e humaniza. Exemplo: abordagem da sociedade japonesa, que ensina o indivíduo a cuidar de si e da sua comunidade desde o ensino infantil;
  - “Aprender a aprender”: trajetórias completas de aprendizagem devem preparar os jovens para acessar diferentes conjuntos de conhecimentos e desenvolver habilidades que terão peso crescente no mercado de trabalho, como a resiliência, de forma que sejam capazes de responder às novas profissões que lhes forem apresentadas;
  - “Panaceia”: ainda que tenha um papel fundamental e revolucionário ao criar pensamento crítico sobre o mundo, a educação não é capaz de resolver sozinha todos os problemas do país, até por ser ela própria uma expressão da sociedade que construímos.

*“Não adianta pensar uma reforma do Ensino Médio que seja a melhor solução do seu ponto de vista, mas que não faça sentido para a juventude que vai acessar. Para a maior parte dos meus amigos, foi muito bom, eles adquiriram uma grande responsabilidade*

*nesse período, um grande amadurecimento, mas eu adquiri uma grande sobrecarga [por estudar em período integral e precisar trabalhar ao mesmo tempo]. Tanto que foi durante o Ensino Médio que tive minha primeira crise de ansiedade. Isso, para mim, reflete muito como a reforma realmente precisa ser conversada com os jovens, porque impacta diretamente a gente, nosso cotidiano e principalmente nosso psicológico.” – LORENA FROZ*

*“Muito mais importante do que aquilo que foi aprovado sobre a reforma do Ensino Médio é o que será implementado. Há um risco enorme de você desmontar estruturas de educação profissional que deram certo, como os institutos federais e o sistema S. Por outro lado, temos a oportunidade de levar educação profissional ou pelo menos a discussão da educação sobre o trabalho para um conjunto maior da sociedade. Cerca de 70% dos jovens nunca fizeram qualquer tipo de preparação para o mundo do trabalho. Nada, nenhuma discussão. Então, trazer o trabalho para a escola é um debate bastante relevante.” – FAUSTO AUGUSTO JR.*

#### **AFINAL DE CONTAS, DO QUE SE TRATA O TRABALHO DO FUTURO?**

- “Eterna construção”: nenhum futuro é predeterminado, mas sim o resultado de escolhas sociais que derivam de longos embates políticos entre interesses e visões de mundo distintos;
  - “Não é sobre eleições”: o que está em pauta é um plano de sociedade concebido entre os diferentes atores sociais, algo que extrapola um horizonte eleitoral de quatro anos;
  - “Territórios importam”: em decorrência dos múltiplos elementos que impactam na construção do futuro, o trabalho do futuro não será o mesmo na Europa, na América Latina, na Ásia, na África;
  - Brasil continental: é preciso considerar os diferentes contextos dentro do próprio país, como as especificidades das áreas rurais em relação às urbanas;
  - Trabalho do futuro dependerá de como as mudanças tecnológicas serão incorporadas por cada sociedade – mudanças essas que inevitavelmente acontecerão e que foram aceleradas pela pandemia. Exemplo: ainda que a tecnologia seja capaz de substituir cobradores de ônibus desde o início dos anos 2000, nós os mantemos por uma escolha social.
- Como o trabalho do futuro lidará com:
  - A digitalização da economia e seu impacto na demanda por infraestrutura adequada para todos, principalmente em um contexto pós-pandêmico;
  - A velocidade das transformações: ao se discutir uma profissão com os jovens, quando eles estiverem formados o cenário já será outro;

- As mudanças climáticas e o compromisso com uma sustentabilidade que seja de fato acessível;
- As lutas por inclusão e diversidade no mundo do trabalho, traduzidas em medidas efetivas e responsáveis. Exemplo: “*blackwash*”, em que discursos e campanhas aparentemente comprometidos com a pauta racial não se refletem na prática corporativa;
- A demanda das juventudes por ambientes de trabalho criativos, dinâmicos, colaborativos, que estimulem a troca entre diferentes níveis hierárquicos e que acomodem jovens de todas as classes sociais, não só da classe média alta;
- O olhar cada vez mais crítico das juventudes em relação aos modelos de trabalho, mesmo aqueles vistos como mais flexíveis – “Vale do Silício não é o paraíso”;
- A regulação trabalhista, que terá de dar conta da crescente fragilidade das relações de trabalho e do impacto disso em populações já vulneráveis. Exemplo: número significativo de jovens no trabalho informal, sem qualquer tipo de proteção social;
- O agravamento das desigualdades e a forma como as interseccionalidades atravessam os trabalhadores. Exemplo: dupla jornada de trabalho feminina, que na pandemia passou a ser simultânea – durante o isolamento social, mulheres tiveram de trabalhar e cuidar da casa ao mesmo tempo;
- O valor das relações humanas: pandemia escancarou a importância de nos relacionarmos, o que aponta a centralidade de ocupações ligadas à economia dos cuidados – algo que as máquinas não são capazes de realizar.

*“O mercado de trabalho do futuro me assusta um pouco, eu fico bem receosa do que posso encontrar. Por um lado, pode ser que a gente encontre um lugar de muita criatividade, de muita criação. Por outro, será que essas oportunidades vão de fato se expandir? Vai ter espaço para a gente?” – LORENA FROZ*

*“O mundo não se encerra em uma tela de computador, ele está lá fora para a gente ver. Às vezes me perguntam se o futuro das profissões é um mundo digital, e eu digo: não, talvez seja o mundo real. Hoje, na Europa, no Japão, um móvel, uma escultura, algo que venha das mãos de um artesão tem muito mais valor do que um celular. Por quê? Porque é humano, não é reproduzível. O que está agregando valor é o ser humano. Nosso grande desafio com relação ao mundo do trabalho é humanizá-lo, algo que foi desumanizado a partir do século XIX.” – FAUSTO AUGUSTO JR.*

## O FUTURO É COLETIVO

- Para que ninguém fique para trás, será preciso mobilizar todos os setores da sociedade em torno de um futuro do trabalho inclusivo;

- Ponto de reflexão: como criar essa articulação multissetorial?
- Fortalecimento de diálogos intergeracionais, tendo escuta ativa para uma colaboração que seja justa com todos.
- Jovens devem ter ciência de seus direitos e de seu poder de reivindicação;
  - Juventudes cada vez mais atentas e engajadas, com acesso crescente a informações por meio da Internet;
  - “Eu sei o que você precisa”: importância de criar meios efetivos para a participação das juventudes nas tomadas de decisão que as envolvem, como conselhos ou mesmo a direção das escolas.
- Sociedade civil brasileira reúne mais de 200 mil associações, cooperativas, sindicatos, organizações de todos os tipos e visões políticas, configurando uma força que não pode ser desconsiderada;
  - “O poder é coletivizado”: cartéis, oligopólios, bancadas legislativas são organizados em torno de interesses coletivos – a oposição a leis ambientais, por exemplo, não é feita por um indivíduo, mas por toda uma corporação;
  - Para além do sindicalismo industrial, trabalhadores sempre encontraram e seguirão encontrando maneiras de se organizarem, como os quilombos, as sociedades de ajuda mútua de mulheres e as novas mobilizações dos entregadores de aplicativos;
  - Cabe à sociedade regular as empresas que têm enorme lucro com os sistemas de precarização do trabalho, de modo a viabilizar direitos sociais universais.

*“Um dos eixos que podem tangenciar o debate sobre juventudes e trabalho não em uma perspectiva etarista, mas em uma perspectiva intergeracional, é o de contrato social e de solidariedade social. Esse termo da ciência política que em alguma medida funda a modernidade e que não é a solidariedade da cesta básica, não é a solidariedade da comida pobre. Não é disso que se trata. A sociedade se desenvolve quando ela se pensa de maneira sistêmica. É muito importante pensarmos a relação entre os jovens e o mercado de trabalho pelo prisma societário, e não só com foco em resolver a equação de dar mais oportunidade a eles.” – MILTON ALVES SANTOS*

- “Nós não conseguimos viver individualmente”;
  - Visão neoliberal que ganhou força no Brasil a partir dos anos 1990 criou um grau de individualização de cada um de nós que é insustentável, inclusive em termos psicológicos;
  - Direitos civilizatórios são produto de embates políticos coletivos, seja a sua conquista, seja a sua manutenção.



*"Nós temos um novo a emergir, o que não significa uma promessa positiva. Estamos exatamente nesse momento histórico. Nada está garantido, a não ser a luta. A partir dela, poderemos construir um mundo melhor. Mas eu sou esperançoso, na visão freireana de esperar: o futuro não está posto, nós o construímos dentro das condições que temos."*  
– FAUSTO AUGUSTO JR.

## REFERÊNCIAS & MATERIAIS DE INTERESSE

- *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, livro de Friedrich Engels (1845)
- *Atlas das Juventudes*, relatório realizado pelas redes de organizações Em Movimento e Pacto das Juventudes pelos ODS (2021): <https://bit.ly/3zrNFdD>
- Base Nacional Comum Curricular, documento normativo do Ministério da Educação: <https://bit.ly/38kXoYP>
- *Biblioteca das Juventudes*, biblioteca *on-line* que reúne publicações, vídeos e *sites* de interesse sobre juventudes no Brasil e na América Latina organizada pelo Atlas das Juventudes: <https://bit.ly/2Y1SFYI>
- *Educação profissional e mercado de trabalho: ainda há muito a avançar*, nota técnica do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) (2018): <https://bit.ly/3jrKmol>
- Estatuto da Criança e do Adolescente (lei n.º. 8.069, de 13 de julho de 1990): <https://bit.ly/3mH4Fsy>
- *Estatuto da Juventude: atos internacionais e normas correlatas*, do Senado Federal (2013): <https://bit.ly/3ytt05Q>
- *Inclusão produtiva no Brasil: evidências para impulsionar oportunidades de trabalho e renda*, estudo realizado por Fundação Arymax, Fundo Pranay e Instituto Veredas (2019): <https://bit.ly/3jqJGsq>
- *Jovens acontecendo nas trilhas das políticas públicas*, estudo da Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (1998)
- *Juventude e mercado de trabalho: realidade e perspectivas*, pesquisa realizada por Centro Ruth Cardoso e Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e de Ação Comunitária (Ideca) (2011): <https://bit.ly/38ncPoZ>
- *Juventudes e a pandemia do coronavírus – 2ª edição*, pesquisa coordenada pelo Conselho Nacional de Juventude (2021): <https://bit.ly/3BpHojg>
- Nova Lei do Ensino Médio (n.º. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017): <https://bit.ly/3yrlKl4>

- *Pedagogia da esperança*, livro de Paulo Freire (1992)
- *Perda de aprendizagem na pandemia*, estudo realizado por Insper e Instituto Unibanco (2021): <https://bit.ly/3zskmHV>
- *Quem cuida das cuidadoras: trabalho doméstico remunerado em tempos de coronavírus*, análise realizada pelo DIEESE (2020): <https://bit.ly/3BkD5pe>
- Redes da Maré, organização da sociedade civil que trabalha pela efetivação de direitos e políticas públicas nas favelas que compõem o Complexo da Maré (RJ): <https://bit.ly/3ztgHJO>